

Resenha



**FIGUEIREDO, EURÍDICE; PORTO, MARIA BERNADETTE
VELLOSO. FIGURAÇÕES DA ALTERIDADE. NITERÓI (RJ):
EDUFF/ABECAN, 2007.**

Claudia Almeida
UERJ

Reunindo 15 artigos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros de diferentes instituições, *Figurações da alteridade* apresenta um enorme leque de perspectivas e de abordagens do tema indicado no título. O projeto consiste em desenvolver reflexões teóricas sobre o tema ou expor sua representação em um personagem Outro. O *corpus* de análise é a literatura canadense em língua inglesa ou francesa.

A principal inspiração do projeto vem da pesquisa de Janet M. Paterson, da Universidade de Toronto, que culminou com a publicação de *Figures de l'Autre dans le roman québécois* (2004), e que é fortemente ancorada nos trabalhos do semiótico e diretor de pesquisa no CEVIPOF (Centre de Recherches Scientifiques Science-Po), Eric Landowski. Entretanto, a diversidade de fios teóricos que se entrecruzam e costuram os artigos demonstra a complexidade da questão e a efervescência das idéias em torno do assunto.

É justamente um texto de Janet M. Paterson, que abre o livro. “Diferença e alteridade: questões de identidade e de ética no texto literário”, reflete sobre fronteiras e implicações dos conceitos de *diferença* e *alteridade*, tendo a escrita migrante do Quebec como base de análise. A autora anuncia ainda a revisão de alguns aspectos abordados em seu livro, principalmente sobre a questão do exílio.

Atravessando a temática do exílio, pelos vieses da viagem e das migrações, caminham os textos de Maria Bernadette Porto, Liane Schneider e Simon Harel. Maria Bernadette Porto analisa algumas representações de “seres paratópicos”, a saber, o nômade, o *promeneur*, o vagabundo, o mendigo, e as relações estabelecidas pelo movimento de atravessar fronteiras e transgredir limites espaciais e sociais. Liane Schneider examina representações tradicionais e recentes das ondas de migrações que marcaram o território canadense, especialmente a partir dos anos 70. Tendo como *corpus* *What we all long for*, de Dionne Brand, a pesquisadora destaca o lugar ocupado pelas novas gerações no contexto urbano canadense. Simon Harel investe no estudo dos espaços criados na *web* e propõe uma oposição entre a deambulação “pedestre e ativa” e o *arrêt sur images* característico dos percursos cibernéticos. Dialogando com textos de Régine Robin, o pesquisador canadense discute as possibilidades de memória, antimemória e hipermemórias cibernéticas nos espaços fragmentados da *web*.

No estudo das alteridades textualizadas na literatura canadense, a figura do autóctone tem lugar de destaque. As representações literárias destes são examinadas e problematizadas nos textos de Eurídice Figueiredo, Rubelise da Cunha e Licia Soares de Souza. A primeira, em “A figura do autóctone: territorialidade, alteridade, identidade”,

destaca o espaço reservado ao mestiço e ao autóctone: esse lugar é o do *seu* povo, longe da sociedade branca. O extermínio dos indígenas nos processos de colonização do Canadá e a participação destes na formação do povo canadense afloram no texto literário como recalque. Nesse âmbito, a etnicidade é um valor preservado através das identidades hifenizadas. Rubelise da Cunha resgata as tensas relações entre colonizadores e colonizados e destaca a “ambivalência entre uma escrita pós-moderna e os resquícios de um nacionalismo romântico na representação do Outro indígena”. Este é estereotipado na ótica colonial como bom selvagem ou mulher sensual e exótica ou idealizado como forma de redenção. A pesquisadora sublinha o caráter problemático da própria representação dos autóctones. Em “Alteridades pós-coloniais em *Tchipayuk ou le chemin du loup*”, Licia Soares de Souza aponta interseções possíveis entre pós-colonialismo, pós-modernismo e pós-tradicionalismo. A partir dos esquemas de interpretância de Peirce, a pesquisadora demonstra as relações entre representações históricas e geopoética, espaço e formação cultural, formação histórica e questionamento identitário.

Nas representações da alteridade, o corpo do Outro é muitas vezes emblemático da diferença e da recusa. Em “O corpo em *Obasan*, de Joy Kogawa: raça, gênero, sexualidade”, Smaro Kamboureli dissecou o corpo de Naomi, uma nipo-canadense, indicando as intrincadas construções de raça, gênero, sexualidade e nacionalismo. Esse corpo é depositário de memórias, e rejeitado como adequado para a “moradia humana”. Ainda sobre as relações entre corpo e visões da alteridade, Sandra Regina Goulart Almeida destaca o corpo gendrado e grávido em *Kappa Child*, de Hiromi Goto. Destacando o gendramento do sujeito da globalização, a pesquisadora pontua alteridades diaspóricas e sujeitos hifenizados (aqui, a nipo-canadense) na construção da sociedade canadense, híbrida e multicultural.

As escritas femininas constituem fonte importante para as figurações da alteridade. Em “Mulheres, diários e cartas: ‘narrativas apagadas da memória coletiva e dos arquivos literários’”, Stelamaris Coser mergulha na questão do gênero textual, apontando o “gênero epistolar (*genre*) como marca do feminino (*gender*)”. A partir de *Os diários de pedra*, de Carol Shields, a pesquisadora examina as fronteiras às vezes tênues entre escrita biográfica e ficção e suas relações presentificadas no tecido textual.

Também dentro do universo textual feminino, Diana Brydon, em “As intimidades globais de Dionne Brand: praticando a cidadania afetiva”, parte de *Inventory*, para reinventoriar a poética de Dionne Brand, aceitando o convite do poema que “pousa sua mão sobre o ombro do leitor”. A problematização das reivindicações sócio-político-econômico-culturais identificadas na obra da poeta e pesquisadora canadense sustenta o conceito de cidadania afetiva que distingue estas duas esferas de visão: a pessoal (indivíduo “primário”) e a íntima (indivíduo em relação com os outros).

A renovação da problematização da questão identitária através da desconstrução da representação tradicional do Outro é discutida por Nubia Hanciau, tendo como *corpus* *Les Fous de Bassan*, de Anne Hébert. A pesquisadora analisa as formas de rejeição da tradição e a vivência de uma modernidade sem âncoras no passado.

As representações imaginárias do Outro e suas relações com o conceito de ‘nação’ são focalizadas por Humberto Luiz Lima de Oliveira, Arnaldo Rosa Neto e Irene de Paula. O primeiro apóia-se em um grande número de teóricos para discutir as “leituras

divergentes” em *Aaron*, de Yves Thériault. O etnocídio, “esta prática silenciosa e bem intencionada, que consiste em matar no Outro a sua diferença, tornando-o igual ao Mesmo, na crença de que é preciso salvá-lo de si próprio, ou seja, de sua alteridade radical”, é uma das relações com a alteridade estudadas pelo pesquisador.

Arnaldo Rosa Vianna Neto reflete sobre os possíveis desdobramentos da figura do bastardo para o processo de construção da americanidade no contexto sócio-político-cultural das Américas. Utilizando como *corpus* os romances de Réjean Ducharme, o pesquisador discute a construção de um *ethos* canadense pelo viés da paródia.

Também sobre a construção de uma certa americanidade, Irene de Paula desenvolve uma reflexão a partir de textos de Dany Laferrière. Observando as implicações das construções identitárias do sujeito na pós-modernidade, a pesquisadora discute os laços de pertencimento ao continente americano representados na obra do escritor haitiano-canadense (ou simplesmente americano – das Américas –, como ele mesmo se define).

O percurso *à vol d’oiseau* feito aqui é apenas um dos inúmeros caminhos possíveis de leitura de *Figurações da alteridade*. A grande variedade de abordagens teóricas e propostas de análise revelam um sem número de interseções e de diálogos entre os textos do livro. Mais do que o estudo de algumas figurações da alteridade, o volume desperta no leitor o desejo não apenas de conhecer os Outros mencionados, mas sobretudo de buscá-los em outros *corpora*.

